



Governamentalidade como conceito guia para a compreensão da mediação e suas quatro fases¹

Governmentality as guiding concept in comprehending mediatization and its four phases

Lucio Pereira Mello

Palavras-chave: mediação; governamentalidade; mediação de quarta ordem; dispositivo; perceptron.

Mediação é um conceito que emerge no final dos anos 1990 e se consolida no campo da comunicação até a metade dos anos 2010, período em que passa por uma inflexão e chega a uma encruzilhada interessante: seria o conceito ainda central para o campo da comunicação e para outros campos do conhecimento? Ou ele estaria superado?

A partir desta pergunta, esta proposta de comunicação defende que sim, a mediação segue sendo um conceito central para a compreensão de processos comunicacionais, e não só eles: a mediação é fundamental para se compreender a formação do que é um espaço comunicativo algoritmizado contemporâneo. Mas, para operar este deslocamento, é preciso dar um passo epistemológico importante: considerar que estamos vivendo uma quarta forma de mediação e que ela é central para o que se tem chamado de plataformação (Antunes, 2020; Figaro, 2020; Grohmann, 2021; José Van Dijck et al., 2018) e de mediação algorítmica.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Esta proposta de comunicação está associada a uma investigação em curso que aborda a necessidade de se compreender a mediação em etapas históricas, tendo as relações de poder como centro da análise. O estudo pretende reivindicar a genealogia foucaultiana – a partir da noção de governamentalidade e de dispositivo em Michel Foucault – como método para demonstrar que as diferentes etapas da mediação devem ser compreendidas priorizando mais as relações de poder que as evoluções técnicas e tecnológicas que marcaram por muito tempo os estudos de comunicação.

Partindo-se da interpretação da governamentalidade como processo, consideramos que a mediação pode ser compreendida em quatro etapas. Na primeira, relativa ao pastoreio, a comunicação possui uma dimensão divina e religiosa, porém o ato de comunicar se configura como uma relação de pertencer e de falar a partir da noção da verdade, próxima à noção de *gemeinschaft*. Tanto a oralidade quanto a escrita pré-impressa seriam o registro desta forma de se mediar a comunicação.

A segunda etapa, no início da era moderna, é referente à razão de governo da soberania, na qual a imprensa emerge. Ou seja, uma mediação em função da importância que jornais, livros e impressos em geral proporcionaram nessa época, sobretudo com a alfabetização difundida, capaz de questionar a soberania - seja a religiosa, seja a absolutista do antigo regime.

A terceira etapa é relativa à governamentalidade disciplinar, do cinema, do rádio e das relações públicas, ou seja, relativa aos meios de comunicação de massa e eletrônicos, que marcaram o fordismo e a produção corporativa que emergiu na segunda metade do século XIX e prevaleceu até a Segunda Guerra Mundial.

A quarta é associada à governamentalidade do biopoder ou do espetáculo, aproximando Foucault de Debord (2017). Nela, a televisão e as telecomunicações digitais de primeira geração se estabeleceram na consolidação neoliberal e na etapa que se iniciou em uma internacionalização. Tal processo se deu primeiramente sobre a égide da Guerra



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Fria e, em seguida, sobre os preceitos do que se chamou de vários nomes: acumulação flexível (Harvey, 2006), Era da Informação (Castells 1999), entre outros, e que denominaremos neoliberalismo (Dardot & Laval, 2016). Neste período, que se consolidou no final dos anos 1970 até o final do século XX, a mediação de terceiros instrumentalizou pela telecomunicação e a cibernética que confluíram para informática e a digitalização operada por computadores interligados pela internet. É neste terceiro momento da mediação que a interface (Virilio, 2014) e a fruição emotiva individual (Debord, ano?) se materializaram.

A hipótese que aqui apresentamos é a da emergência de um novo deslocamento recente no processo de mediação na qual o componente organizacional (Quiroga, 2019) e da fruição dos desejos se soma às demais dimensões anteriores. Tal processo vai gradativamente se materializando pelas ferramentas digitais, como e-mail, e o viés organizacional da comunicação mas também pela redes sociais, como espaço de fruição e circulação dos afetos, desejos e necessidades. No dois casos, asseguram uma dimensão intrapessoal, de cuidado de si (Foucault, 2006) instrumentalizado ou, como diria Leticia Cesarino (2021), em que o *self* batesoniano assume a centralidade que o sujeito econômico benthaniano tinha para o período disciplinar.

Trata-se de momento em que o uso de aprendizado automáticos (*machine learning*) e ambientes plataformizados estabelecem uma nova mediação por mídias inscritas na lógica da captura instrumental e automática na produção massiva de dados. Essas comunicações entre máquinas informacionais são capazes de gerar estatísticas e inferências de nova ordem, conseqüentemente organizando as mais diferentes dimensões da vida cotidiana (De Certeau, 1998; Lefebvre, 2014).

Partindo da periodização empreendida por Jespen Strömbäck para a relação entre mediação e a política em seu artigo *Four Phases of Mediatization: An Analysis of Mediatization of Politics* (2008), pretendemos extrapolar a periodização não apenas para



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

midiação da política, mas apontar os efeitos desta quarta midiação nas dimensões sociais como um todo, tendo, por outro lado, a referência do estudo que Andreas Hepp chamou em seu recente livro de *Deep Mediatization* (2022).

A nosso ver, a midiação, entendida pela chave das relações de poder, está passando por uma profunda transformação, o que gera uma certa confusão entre pesquisadores de nosso subcampo. Alguns estão a defender o fim do processo como foi empiricamente percebido nas fases anteriores; outros, aos quais nos somamos, defendemos um aprofundamento da midiação para uma nova dimensão, mais ainda *dividual* e intrapessoal, e mais ainda ligada ao uso do digital. O que ressaltamos, porém, é a ubiquidade do acúmulo de base de dados e de ferramentas de análise via digitalização.

Ao que tudo indica, essa nova etapa da midiação leva a mediação pelo digital a uma nova dimensão. Nela, a interface imagética da segunda fase da midiação se consolidou e somou-se à recursividade e a massificação customizada do digital da terceira fase de midiação. Estaríamos agora, na quarta fase da midiação sobre a égide do *big data* e da produção de circulações e fruições baseadas em uma economia política da plataformização. Mas, sobretudo, o que pouco é explorado em nosso campo, é a emergência de uma economia política da percepção a partir de uma nova necessidade social e econômica: a captura constante de percepções quantificáveis (emoções, localização, sentimentos, desejos) por meio não apenas da imagem mas agora também de sons, geolocalização, ruídos, e dos mais distintos instrumentos de captura (microfone, gps, vídeo, câmera, instrumentos hápticos como medidores de pressão arterial, medidos de batimento cardíaco, medidor de temperatura, entre outros).

Esse processo de intensificação do aprendizado maquínico estaria portanto levando a duas novas decorrências. Uma delas seria um aprofundamento das mediações pelo viés técnico e algorítmico, em que o agenciamento humano está mediado cada vez mais por interfaces, por bancos de dados e plataformas que interagem entre si, via APIs



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

ou metadados, alterando significativamente as interações humanas em camadas sociotécnicas cada vez mais abstratas. A outra seria a criação de um regime de busca por produção do conhecimento social (Burke, 2003) inédito, em que as tentativas de compêndio e produção de consensos de outras eras (bíblia, livros copiados à mão e compêndios populares como Lunário Perpétuo, a enciclopédia diderotiana, a enciclopédia Barsa e a Wikipedia vão sendo substituídos por um modelo de organização do conhecimento básico a partir da lógica do *data center* e da plataformização em que o domínio comum se torna impossível de ser visto em uma totalidade e o mecanismo de busca se torna imprescindível e criador de uma governamentalidade pela busca e pela percepção algoritmizada.

Atribuímos a este formato da busca a uma dinâmica inerente de nosso tempo em que a formação de uma subjetividade empreendedora e baseada nas emoções e na fruição das satisfações e pulsações do indivíduo se consolida com viés mercadológico (Dardot e Laval, 2016). Nesse contexto uma hermenêutica do sujeito (Foucault, 2006) assume aqui uma dimensão utilitarista, ao ponto do “cuidar de si”, inicialmente identificado por Foucault como uma forma de resistência ao controle dos corpos e de dispositivos como a sexualidade, passa a assumir uma importância central para a reprodução do sistema.

A essa configuração, se somam técnicas de segurança e de controle pelo viés cibernético como forma de sujeição e de enquadramento não mais dos corpos, mas dos desejos e da percepção em que o panóptico, como dispositivo icônico da disciplina dá espaço ao que temos chamado de *perceptron*, dispositivo de referência da contemporaneidade. A plataforma suplanta a corporação; o sujeito desejante, suplanta o sujeito de necessidades, e o escrutínio da midiatização aponta para a configuração de uma nova governamentalidade em que *vetorialistas* (Wark, 2015) assumem a centralidade na condução da esfera de produção de consenso (passagem do Twitter para o “X”) sobestando qualquer entendimento prévio de Espaço público (Habermas, 1997), e,



portanto, reconfigurando profundamente - e com camadas de mediação algorítmica até então inéditas - na formação do que um dia foi um espaço comunicativo.

Este resumo expandido pretende levantar o debate, em formato ensaístico, sobre as mutações epistemológicas e ontológicas nos processos de miatização tendo como ponto de referência as relações de governamentalidade e de poder como conceitualização que pode auxiliar o nosso campo a compreender a atual sobreposição de dimensões políticas, sociais econômicas e técnicas. Nosso entendimento é que os estudos da miatização assumem cada vez mais centralidade não apenas para o campo (Bourdieu) da comunicação, mas para a compreensão do funcionamento social em áreas do conhecimento como educação, economia, políticas, entre outras no processo que se convencionou chamar de plataformização (Snircek, 2016).

Referências

- ANTUNES, Ricardo. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo: Boitempo 2020
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BURKE, Peter. Uma História Social do Conhecimento – de Gutenberg a Diderot (volume I). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- CESARINO, Letícia. (2021). Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: Uma explicação cibernética. In: Ilha, 23(1) Florianópolis, Brazil (p. 73–96)
- DARDOT, Pierre; LAVAL Christian. A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal (2016), São Paulo: Boitempo, 2016
- DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017. 2. ed.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: Artes do Fazer. Editora Vozes, Petrópolis. 1998

FIGARO, Roseli; SILVA, Ana Flávia Marques da. A comunicação como trabalho no Capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr./jul. 2020

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito: Curso dado no College de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 2ª ed.

GROHMANN, Rafael (org.). Os Laboratórios do Trabalho Digital. Entrevistas. Boitempo: São Paulo, 2021.

HABERMAS, Jürgen. Direito e democracia: entre facticidade e validade, volume II (PDF). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1997

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2006. 2ª ed.

HEPP, Andreas. Deep Mediatization. Londres, Nova Iorque, Routledge, 2020

LEFEBVRE, Henri. The Critique of Everyday Life. The One Volume Edition (English Edition) e-book. Verso Books, 2014.

QUIROGA, Tiago. Mídia e o entendimento desonerado. In *Mediaciones de la Comunicación 2019 - VOL. 14 / Nº 2*, Montevideo p 79-95

SNIRCEK, Nick. Platform Capitalism. Willey. Londres 2016

SODRÉ, Muniz. Eficácia, campo comunicacional e mídia. In: MORAES, Denis (org.). *Sociedade Mediada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SODRÉ, Muniz. A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional. Petrópolis: Vozes; 2014.

STRÖMBÄCK, Jesper. Four Phases of Mediatization: An Analysis of the Mediatization of Politics. *International Journal of Press-politics*, volume 13, p.(228-246), julho, 2008. Disponível em <http://DOI:10.1177/1940161208319097>



Anais de Resumos Expandidos
VI Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WALL, Martijn. The Platform Society: Public Values in a Connective World. Oxford University Press, 2018.

VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real. Rio de Janeiro: Editora 34, 2014. 2ª ed, 4ª reimpressão.

WARK, Mackenzie. The Vectoralist Class. E-flux Journal, nº 65 - maio agosto 2015. Disponível em: <http://supercommunity.e-flux.com/texts/the-vectoralist-class/> . Acesso em: 27/09/2021.